



TEXTO DIGITAL

Revista de Literatura, Linguística, Educação e Artes

Carta aberta a Dom Wilton Azevedo, cavaleiro da alegre figura

Alckmar Luiz dos Santos^a

^a Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil – alckmar@gmail.com

Aí desse outro lado do mistério — como já disse algum *náufrago da existência* —, continuas a nos fazer dar o melhor de nós! Mas isso que damos agora a outros, também não é exatamente isso que era teu e que de ti recebemos sem ressalvas, que nos davas com leveza e alguma celeridade?! Sem dúvida alguma, caro amigo e irmão, sem dúvida alguma! Os anos de convivência que privei contigo, ainda não os sei sopesar, se foram muitos... se foram poucos... Sei apenas que foram insuficientes... insuficientes em demasia!

Lembra-me ainda a ocasião primeira em que fui chamado a mostrar-te o que andava eu garatujando em forma de romance. *Das leves seriedades* era o título, algo pomposo e vago, com que eu tentava escapar dessas armadilhas em que nos enredamos com pessoas e, à custa de transformá-las — as pessoas — em palavras, algo ganhamos de falsa acomodação, de fingida tranquilidade. Teu ouvido atento ao ritmo daquela narrativa e à sucessão agonizante daquelas imagens foi-me garantia de que, se não estava eu no caminho certo, algum caminho certo me levava com ele. Como me levou até tua oficina de sonhos e de fazeres! Aí comecei a despertar para o que, aos poucos me foste mostrando, que era possível que eu não apenas lesse, mas que encenasse o que havia criado. Se tornei-me ator, digo categoricamente que não! Não serviria nem mesmo para canastrão amador! Não me apraz o timbre da minha voz, tampouco o atropelado da dicção em que me embaralho, tropeço e gaguejo com incômoda



Esta obra foi licenciada com uma Licença [Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

frequência. Todavia, sutilmente (sim, também sabias ser sutil, extremamente sutil quando o querias, mas até a sutileza tua se achava disfarçada sob as risadas, mascarada pela jovialidade tua), me foste mostrando que era possível, que era desejável, que era inevitável, que era imperioso que eu exibisse, não a mim, mas a minhas palavras. Aprendida a lição, mestre querido, ponho-me aqui a exercê-la!

Então agora estás desse outro lado do mistério, meu parente, meu irmão!, e carregaste contigo parte incomensurável da riqueza que tínhamos quando por aqui nos entretínhamos contigo em criar, em conversar, em beber, em maravilhar-nos. Em criarmos devaneios concretos, em conversarmos com palavras soltas e boas, em bebermos a vera aragem da vida, em nos maravilharmos com a simplicidade atônita do mundo! *Don Wilton Acevedo, caballero de la alegre figura*, vejo-te como um destro toureiro a escapar aos golpes da sorte no último instante, aquele em que parece os cornos de besta imensa e sanguinária estarem prestes a penetrar tuas carnes de luz e de sombras, mas te esquivas com sabedoria e acalmia, como se fora tudo tão natural quanto levar à boca uma taça e sorver longo gole de vinho! Apenas não pudeste ou não quiseste, ingrato!, escapar a essa última estocada que te levou de nós assim tão rapidamente!

Componho tua figura evadindo-se da existência às cinco horas de alguma tarde aziaga. Exatamente como o amigo toureiro de Lorca:

*Às cinco da tarde,
Deposto assim teu sorriso,
Como sempre, sem alarde e,
De espanto, só o preciso.
Às cinco da tarde,
Nem mais sol, e nem mais lua,
Nenhuma luz já não arde,
Apenas a sombra tua
Se impõe e faz que retarde
A vida, enquanto, na rua,
Não há sonho que se enfarde!*

Às cinco da tarde,

*Já sabíamos então
Que não há o que não se acabe,
Quando para um coração
Como o teu, quando se evade
Tua voz, teu sangue e o alento
Teu se vão e só metade
Do viver nos resta, e o imenso
Peso do mundo abate
Nossa carne e pensamento!*

*Às cinco da tarde,
Sim, exatamente às cinco,
Nas paredes de alvaiade,
Vem brotar um rubro tinto;
Os muros, portas e grades,
Um vento mais feio que lindo
Vem fechar, pois já se sabe
Que se foi o Azevedo,
Às cinco da tarde!
E em nós — será?! — fica o medo,
Com suas meias-verdades?!
Fica em nós esse arremedo
De existência, que nem cabe
Todo em nós? Mas um só dedo
De Wilton, o de mãos de jade,
Podia mudar o enredo,
O errado enredo da tarde!*

*Às cinco da tarde,
Imensamente mais pobre
— Não há ouro de que se gabe —,
Pode que o mundo se dobre,
Se ajoelhe e, em toda cidade,
Espalhe a voz desse homem*

*E junto com ele brade
Pela vida, e que a transforme!*

Assim é que te foste, irmão, vasculhar outras margens da existência, à cata de gemas inéditas, de preciosidades inesperadas, de ninharias valiosas, mas, digo com toda a dor que me é possível sentir, jamais tornaremos nós a desfrutar de tesouros tão ricos como os que construíamos juntos contigo! A nos consolar precariamente de tua perda, meu compadre!, apenas a certeza de que reconhecíamos todos a fortuna que tínhamos em conviver contigo...

Ora, seria completamente injusto à tua pessoa se fechasse eu estas palavras em tom tão melancólico! Nunca! Seria malbaratar a alegria de viver de que nos deste tantas provas, em todos os segundos de tua existência que conosco compartilhaste! Devera eu, então, talvez intrometer nestas linhas alguma daquelas boas anedotas, que tanto contávamos um ao outro... Mas isso também seria trair tua memória e tua voz, pois seria preciso que ela fosse contada ao vivo, em viva voz, celebrando a vida! É o que te juro, irmão, e que farei doravante! Sempre, nos últimos tempos, depois de tua perda, sentia travo amargo e dolorido em contar anedotas. De ora em diante, celebrarei a vida, como nos ensinaste: rindo e fazendo rir, sem mais dor — ou apenas com o essencial dela —, em homenagem a meu amigo, meu irmão, meu companheiro de criações e de má-criações, Wilton Azevedo, Cavaleiro da Alegre Figura!